

Consumo de drogas e suas representações entre universitários¹

Tom Valença (Wilton Valença da Silva Junior)

- doutorando em Ciências Sociais, UFBa

Resumo:

Nos debates acadêmicos e nas representações midiáticas sobre a problemática das drogas, se tende a centralizar a abordagem na relação entre tráfico, violência e exclusão, muitas vezes naturalizando o consumo de substâncias psicoativas como um fator de desequilíbrio nas configurações socioculturais contemporânea. Tal perspectiva releva menos o discurso emitido do *lugar* do usuário, que seu *papel* como elo mais vulnerável da rede de consumo – principalmente sendo o comércio das drogas ilícitas um dos mais rentáveis do mercado. Se, ao reificar a relação entre drogas e ilicitude, se estigmatiza a identidade e as marcas distintivas do usuário, esta comunicação investiga o discurso identitário que perpassa as representações dos estudantes universitários usuários – no momento histórico em que o filme *Tropa de elite* os coloca na berlinda.

Palavras-chave:

Drogas, universitários, representações.

- ¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

A problemática -

Entre as várias polêmicas suscitadas pelo filme *Tropa de elite*,² uma ganha magnitude em função do objeto desta comunicação; aquela que se estabelece em torno da representação dos estudantes universitários consumidores de drogas como co-responsáveis pelo tráfico. As tensas controvérsias entre ser esta uma representação estereotipada ou realista não se restringiram às discussões em corredores de cinema e mesas de bar. Este debate inicialmente informal, reflexivamente ganhou contornos acadêmicos que foram propagados por intermédio de uma matéria em jornal de grande circulação: *Universidade reage a seu papel em filme* (Folha de São Paulo, 28/10/07), na qual, pesquisadores, professores e estudantes entrevistados durante a 31ª ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) defenderam seus pontos de vista. Nas palavras da antropóloga e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Alba Zaluar:

"O filme apresenta preconceitos que os policiais têm e veiculam constantemente acerca das ONGs, dos estudantes e, por extensão, dos intelectuais"[...] "É óbvio que não são os estudantes usuários de drogas que são responsáveis pela violência. Ela é extremamente complexa, tem várias fontes, inclusive a facilidade com que as armas chegam aos traficantes, que é uma coisa que tem que ser esclarecida."

Apesar deste "esclarecimento" em veículo midiático³ proferido por quem estuda o assunto há mais de duas décadas,⁴ a problemática referencial é de que o consumo de drogas - o que inclui o tráfico, diferentemente do uso - tem sua representação social geralmente configurada em meio a violência e a exclusão. Assim sendo, as consequências da polêmica acima citada atingem dois alvos interpenetrados. Inicialmente os estudantes universitários catapultados à berlinda pelo filme, ganharam cada vez mais as páginas policiais dos noticiários:

² - até o término de 2007, cerca 2,5 milhões assistiram o filme no cinema, enquanto 11,5 milhões de espectadores assistiram em DVD a cópia pirata, sendo a película cinematográfica nacional de maior audiência do ano (Jornal A Tarde, 11/01/08). O filme narra uma operação de "limpeza" realizada pelo Bope às vésperas de uma visita do Papa João Paulo II ao RJ. Durante esta operação, um dos capitães da corporação entra em crise, dividido entre o nascimento de seu filho e ter que continuar executando traficantes.

³ - lembrando que um jornal impresso, mesmo sendo o mais respeitado, tem potencial para atingir uma parcela reduzida dos milhões de espectadores do filme em questão.

⁴ - como se pode perceber lendo sua obra *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas* (2004).

Droga Apreendida com universitário valeria R\$ 18 milhões (Redação Terra, 20/12/07)

Rio de Janeiro - A Secretaria de Segurança pública do RJ informou na tarde desta quinta-feira que os 100 Kg de pasta de cocaína apreendidos com um universitário em Itaboraí (RJ), na noite de ontem, foram avaliados em R\$ 18 milhões. Segundo peritos do Instituto de Criminalística Carlos Éboli, trata-se de droga pura que, misturada com outras substâncias, produziria até 600 Kg.

Universitário suspeito de traficar ecstasy é preso (FSP,05/09/07)
Polícia disse acreditar se tratar de um dos maiores traficantes da droga em SP

Rapaz de 21 anos liderava um grupo que vendia 20 mil comprimidos por mês no Estado, de acordo com informações da polícia. [...] Em festas rave e casas noturnas no Estado, locais onde o consumo da droga costuma ser maior, policiais disfarçados se aproximaram de membros da suposta quadrilha e obtiveram informações sobre os métodos dos seus integrantes. O preço da droga variava entre R\$ 15 e R\$ 50 por comprimido. O delegado responsável pela investigação, disse que o grupo comercializava a maior parte da droga com outros traficantes. Mas, segundo a investigação, também eram feitas vendas no varejo em raves e boates e pela internet. A maior parte do tráfico se concentrava no interior de São Paulo. Um irmão do universitário atua na Bahia trazendo a droga da Holanda e a distribuindo para Salvador, São Paulo e Distrito Federal.

Em segundo lugar, e por extensão, os usuários e/ou traficantes de drogas das classes média e alta - entre os quais se encontram muitos universitários - também passaram a receber mais atenção tanto policial quanto midiática, principalmente após a ocorrência de uma morte por overdose⁵ em uma festa *rave*.

Jovens de classe média são presos suspeitos de tráfico (G1 RJ, 08/01/08)

Acusados foram presos em Búzios, Jacarepaguá e no centro do Rio. Segundo a polícia, eles vendiam drogas pela internet, por meio de um site de relacionamentos e um programa de mensagens instantâneas[...] os policiais investigavam a troca de ecstasy no Morro Menino de Deus, em S. Gonçalo, por equipamentos eletrônicos roubados, como computadores, câmeras digitais e celulares.

Com esses objetos de atenção pública na pauta do dia, foi quebrado um dos últimos redutos onde o consumo de drogas parecia ser “mais seguro”, por estar supostamente afastado da violência do tráfico: as comunidades de jovens incluídos em configurações socioeconomicamente estabelecidas. A badalada *Festa em quadrinhos*, evento que há 14

⁵ - *Jovem morre intoxicado após festa rave em Itaboraí* (O Globo online, 28/10/07)

Um jovem morreu e 18 foram internados depois de uma festa *rave* em Itaboraí. O rapaz que seria menor de idade morreu vítima de intoxicação logo após dar entrada no hospital. Com ele a Secretaria Municipal de Saúde só encontrou um documento, uma *carteira de estudante falsificada*. Dos 18 jovens atendidos no hospital, 16 tinham o sintoma do abuso de álcool e drogas.

anos vem sendo um reduto no verão baiano para centenas de curtidores da cena eletrônica e afins – boa parte deles sendo estudantes universitários -, na edição 2008 (12/01, Praia do Forte) recebeu apenas 230 participantes, quando o esperado estava em torno de 1000 pessoas. O motivo alegado por um dos organizadores foi exatamente a insegurança que “as tribos festeiras” passaram a vivenciar após o incidente de Itaboraí e da atenção policial e midiática redobrada para eventos desse porte.

PM-MG acha droga em ônibus e prende 43 passageiros (UOL – 28/12/07)

Cerca de 330 comprimidos de ecstasy e 330 cartelas de micropontos de LSD, além de 150 gramas de cocaína e 600 gramas de haxixe, foram apreendidos hoje à noite pela Polícia Militar mineira dentro de um ônibus de turismo fretado para transportar *estudantes e professores universitários* de Belo Horizonte a uma festa *rave* que será realizada em cidade localizada no Estado da Bahia. Os quarenta e três passageiros foram presos e, conforme a Polícia Militar, a maioria pertencente à classe média alta da capital mineira.

No meio acadêmico vem sendo notório e crescente o interesse em observar mais atentamente a questão⁶, não apenas por ter alguns de seus membros envolvidos na polêmica, mas principalmente por ser esta uma questão que demanda muito mais do que a perspectiva policial pode oferecer na busca por soluções; o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), na pesquisa realizada em 2007; *O estado da juventude: drogas, prisões e acidentes*⁷, revelou que 85% dos consumidores de drogas no Brasil são brancos, dos quais 62% estão na classe A; 60% deles têm de oito a onze anos de estudo - quando a média de estudo no Brasil é de cinco anos. 35,82% desses jovens têm entre 10 e 19 anos – configurando 16,53% da população brasileira nessa faixa. O percentual sobe para 50,74% entre 20 e 29 anos, o que corresponde a 23,11% da população nacional. 49% desses jovens têm cartão de crédito, num universo de apenas 17% da população que conta com essa opção de moeda. A análise destes dados indica que a representação social estabelecida ligando drogas à exclusão e violência talvez não seja tão precisa e irrefutável.

⁶ - e esta questão não gera reflexividade apenas no meio universitário, pois o filme *Meu nome não é Johnny* - que conta a história de um jovem da classe média carioca que se tornou um grande usuário-trafficante de cocaína - em dez semanas de exibição já levou um público de 2 milhões de pessoas às salas de cinema. (FSP, 12/03/08).

⁷ - embora possa se questionar a metodologia empregada na pesquisa, pois uma pessoa das camadas sociais populares pode ter mais receio de se colocar como usuário e posteriormente sofrer represálias, do que uma pessoa das camadas sociais mais altas.

Reforçando esta última perspectiva, uma pesquisa realizada pela FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) indica que alunos com renda familiar mais alta - acima de 40 salários mínimos - e que não sustentam credos religiosos são os mais propensos ao consumo de substâncias psicoativas. Se por um lado, entre os estudantes oriundos de famílias mais abastadas o consumo de álcool foi de 92,2% e drogas ilícitas 39,2%, por outro lado, entre os oriundos de famílias com renda mensal inferior a 10 salários mínimos o consumo de álcool foi de 75,2% e de ilícitos de 16,7.⁸ É preciso ter cuidado para que uma leitura referenciada no poder aquisitivo para analisar exclusão e consumo de drogas, não indique basicamente que um grupo tem mais poder aquisitivo que o outro para o consumo - consumo não só de drogas, mas inclusive de educação -, afinal a polarização exclusão/inclusão não se reduz apenas ao aspecto econômico, na medida em que o capital cultural⁹ é uma moeda corrente fortíssima na contemporaneidade. Nesse sentido, busquemos mais indicações passíveis de interpretações em configurações culturais que não se reduzam ao recorte econômico – o que não quer dizer que este não deva ser considerado¹⁰.

Diversificados eventos acadêmicos - no que tange as perspectivas teóricas e metodológicas - com foco no consumo de drogas se sucederam em 2007: nos dias 4 e 5 de maio houve o Seminário “Maconha na Roda” na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Na ocasião, profissionais de direito, história, psicologia, sociologia e antropologia além de um representante da comunidade Rastafari, abordaram várias perspectivas da problemática em meio às perguntas de uma audiência bastante heterogênea. Também seguindo um modelo transdisciplinar com a participação de advogados, um delegado de polícia e um estudante de Ciências Sociais representante da ANANDA (Associação Interdisciplinar de Estudos sobre Plantas Cannabaceaea) foi realizado um debate sobre drogas e legislação na Faculdade de Direito da mesma UFBA em 29/08. No

⁸ - pesquisa na qual foram aplicados 926 questionários aos estudantes de Ciências Biológicas no período 2000/01, (FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 27/04/06).

⁹ - o capital cultural é dimensionado por um conjunto de estratégias, valores e disposições relacionados ao consumo (de uma música, de um filme, ou de uma comida por exemplo) que indicam um grau de distinção e poder em grupos nos quais tais consumos são correntes, (Bourdieu, 1992). Por exemplo, pessoas financeiramente pobres consumidoras de telenovelas podem adquirir capitais culturais oriundos das classes média e alta - o carro ideal é uma Ferrari, o corpo ideal é siliconado e lipoaspirado - mesmo sem dinheiro para materializar tais consumos.

¹⁰ - até porque o capital cultural não é independente do capital financeiro, apenas não se resume a este.

50º Congresso da UNE, de 04 a 08 de julho em Brasília aconteceu pela primeira vez na história desta instituição um debate em torno da descriminalização, também com a participação de um representante da ANANDA.¹¹ Ampliando o espectro de pesquisas sobre a problemática, nos dias 4 e 5 de outubro a SENAD (Secretaria Nacional Antidrogas) juntamente com o IDT (Instituto de Drogas e Toxicodependência de Portugal) promoveu em Brasília o I Seminário Internacional da Rede de Pesquisa sobre Drogas, premiando e incentivando pesquisas acadêmicas tanto na área de Saúde quanto nas Ciências Sociais.

Um aspecto a se ressaltar em torno dessa ressignificação de um até então estigmatizado objeto de investigação, está no fio que une esses variados eventos. As reflexões debatidas não partiram da premissa de que o consumo de drogas seja uma questão de análise por um prisma intervencionista exclusivamente médico-policial, mediado por um parecer jurídico inquestionável: de que o fenômeno drogas, muito mais do que ser configurado e interpretado culturalmente deve ser uma cultura a se banir. Esta perspectiva que é um resquício inequívoco da política pública norte-americana de “Guerra às drogas”, vem se mostrando visivelmente ineficiente no enfrentamento da questão¹². Tentando superar este impasse duas proposições hermenêuticas estão ganhando voz: 1º - as percepções reflexivas feitas em torno de usuários de substâncias psicoativas não indicam necessariamente um envolvimento destes com a violência do tráfico mas sim com outros valores culturais

¹¹ - mesmo a Ananda não sendo constituída por usuários, mas por pesquisadores que objetivam os usos psicoativos e os usos não psicoativos da planta, não é por acaso que os usuários de maconha mostram-se mais organizados que os usuários de outras drogas – inclusive disponibilizando de sites e revistas - já que a maconha entre as substâncias psicoativas ilícitas, tem o status de ser a droga mais leve, embora ainda haja controvérsias sobre esta questão - pesquisa efetuada pelo Instituto de Pesquisa Médica da Nova Zelândia indica que a maconha causa mais câncer do que o tabaco, (Observatório da Cannabis, 31/01/08). Dessa forma uma comunidade de tais usuários é mais “respeitável”, sendo menos estigmatizada/estigmatizante do que uma comunidade de usuários de crack, por exemplo.

¹² - nos EUA, tal guerra - que teve o seu auge no governo do presidente Ronald Reagan entre 1981 e 1989 - foi um período em que um quarto de todos os jovens negros, do gênero masculino, estiveram ou na prisão ou em liberdade condicional, a maioria acusada de envolvimento não violento com drogas, enquanto o consumo de drogas nacional continuou sendo o maior do planeta (Shaffer, 1997). Na Colômbia o reforço econômico e militar norte-americano para erradicação da cocaína - chamado inicialmente de *Plano Colômbia*, posteriormente de *Iniciativa Regional Andina* e atualmente de *Plano Patriota* – rendeu controvérsias: Além das fumaças nos campos que devastaram as mais variadas agriculturas, as comunidades rurais foram forçadas a construir redes de informantes que favorecessem as corporações militares, sendo lançadas num estado de pauperização e paranóia (Brasil de Fato, 2006).

correspondentes as suas glocalidades¹³ comunitárias, divergentes de valores dominantes em outras comunidades. 2º - tráfico e consumo de drogas não são privilégios da pobreza econômica e dos excluídos da educação formal.

Isto posto, um exemplo inusitado explicita a guinada paradigmática em curso. De acordo com a agência de notícias *Reuters* (Último Segundo, 31/05/07), uma pesquisa pioneira realizada na Itália pelo Conselho Nacional de Pesquisa constatou a concentração de partículas de substâncias psicoativas – principalmente cocaína, maconha, haxixe e nicotina - na atmosfera da cidade de Roma. A área com maior concentração de partículas de maconha e cocaína não foi ao redor de casas noturnas ou zonas de prostituição, mas sim em torno da Universidade de Roma, *La Sapienza*. Em torno da repercussão da divulgação da pesquisa, não houve maiores contestações por parte dos freqüentadores da Universidade La Sapienza no sentido de que tal concentração fosse por exemplo, de maconha e cocaína utilizada legalmente em alguma pesquisa, logo é possível considerar hipoteticamente que fossem drogas consumidas com finalidades lúdicas, recreativas. O procedimento metodológico para detectar partículas que novas tecnologias possibilitam¹⁴ (similar ao utilizado para medir a poluição), poderia simplesmente estar indicando uma situação casual, mas se tais dados forem postos em interface com percepções configuradas em pesquisas com metodologia convencional¹⁵, podem indicar uma tendência inequívoca; a de que o consumo de drogas também se dá entre as culturas urbanas universitárias contemporâneas, não necessariamente ligadas a exclusão ou violência¹⁶.

Por último mas não menos importante está uma pesquisa realiza entre acadêmicos de renome internacional:

Cientista usa drogas para "turbinar" desempenho – (FSP 11/04/08)

Uma enquete com 1.400 cientistas realizada na internet pela revista britânica "*Nature*" revela que já está disseminado na comunidade acadêmica o uso de drogas para melhorar o desempenho intelectual. Um em cada cinco entrevistados disse já ter

¹³ - o vocábulo "glocalidade" é um neologismo que indica acesso a constantes fluxos culturais globais nas realidades locais, uma interface entre aspectos da cultura global e da cultura local.

¹⁴ - a concentração de cocaína no inverno de 2007 foi de até 0,1 nanograma (1 bilionésimo de grama) por metro cúbico.

¹⁵ - como a pesquisa realizada com estudantes de quatro universidades pela Universidade Federal Fluminense e financiada pelo CNPq em 2005 ou a pesquisa com estudantes da Faculdade de Medicina de Botucatu em 1995. Em ambas, o questionário foi a principal ferramenta de investigação.

¹⁶ - a pesquisa do CNP também foi realizada nas cidades de Taranto no sul da Itália onde a concentração de cocaína foi bem menor que em Roma e em Argel, capital da Argélia onde a concentração não foi constatada. Historicamente, Roma, onde a concentração foi maior não é considerada como uma cidade mais pobre e mais violenta do que Argel, o que não reforça a representação estabelecida que une drogas a violência e a exclusão.

feito uso "instrumental" de remédios que normalmente são usados para tratar problemas psiquiátricos. A droga mais popular entre os cientistas, ao que parece, é a Ritalina, usada para tratar crianças com TDAH (transtorno do déficit de atenção por hiperatividade). Segundo entrevistados, ela melhora a capacidade de concentração para estudos e pode valer a pena mesmo tendo efeitos colaterais. A enquete da "Nature" sobre o assunto foi iniciada no começo do ano, motivada por um artigo de pesquisadores da Universidade de Cambridge sobre aspectos sociais e éticos desse novo fenômeno. A idéia do trabalho veio de um editorial da própria "Nature", que defende a pesquisa de drogas com propósito específico de melhorar desempenho acadêmico. A revista -influente em praticamente todas as áreas da ciência- recebeu tantos comentários sobre o trabalho que decidiu fazer uma sondagem própria. A enquete divulgada ontem não tem valor de censo -o questionário era voluntário-, mas revela o que parece ser um fenômeno emergente na maior comunidade científica do mundo, a dos EUA (de onde vieram 70% das respostas).

Se respeitáveis cientistas estão consumindo drogas para melhorar o desempenho acadêmico, será que chegarão a receber o estigma de usuários ou seu comportamento fará com que muitos reflitam a questão das drogas por um outro ponto de vista? Em meio a esse amplo cenário de consumo entre grupos socioeconomicamente incluídos tanto na Europa quanto no Brasil, chega ser um paradoxo que algumas interpretações de políticas públicas de redução de danos sociais para o consumo de drogas estejam sujeitas a configurações de valores incontornavelmente ortodoxas — de difícil sustentação ante uma observação mais apurada. Um exemplo emblemático desta situação é o caso da campanha: *"Se você pretende consumir ecstasy, evite fazê-lo sozinho, tome líquidos não-alcoólicos sem exagero, use roupas leves e descanse a cada meia hora, quando dança"*, elaborada em um projeto de pós-graduação da USP (Universidade de São Paulo) e custeada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) que objetivava a redução de danos para os consumidores de ecstasy¹⁷. A interpretação por parte de alguns setores da imprensa para esta campanha foi de que o *Projeto Baladaboa* era uma apologia ao consumo de drogas com o dinheiro público.

"Site e programa são uma glamourização disfarçada, fingindo-se de linguagem científica, do consumo de ecstasy. Nada mais é do que uma variante da cultura da droga, agora financiada com dinheiro público. Na home, vem uma advertência patética: 'Um princípio básico do projeto Baladaboa é a transmissão de informações comprovadas baseadas na ciência e não em ideologias morais ou políticas.' Só esse trecho deveria levar a Fapesp a suspender seu vergonhoso patrocínio." (Veja.com – 17/0607).

¹⁷ - o projeto partiu de tese de doutorado em Psicologia que indicou que de 1140 usuários, houve uma predominância de pessoas com até 25 anos; sendo que 54,3% têm nível superior incompleto; 52,6% possuem emprego fixo e 65,4% provêm da classe A.

Em junho de 2007, ao tomar conhecimento dessa representação social diretamente associada a seu nome, a Fapesp voltou atrás e cancelou a verba disponibilizada para o projeto. Ao fim e ao cabo de episódios como este seria por demais simplista acreditar que um tema polêmico como redução de danos para o consumo de drogas – e não a erradicação da cultura das drogas - seria facilmente assimilado, mesmo entre pessoas de ciência.

As conseqüências -

Aliás, entre os próprios universitários usuários, também há muitos preconceitos em relação à redução de danos, como está podendo ser constatado no trabalho de campo específico da pesquisa que dá corpo a esta comunicação¹⁸. Nesta, uma estudante usuária e redutora de danos relatou:

- Quando eu comecei a trabalhar com redução de danos a galera começou a me esculhambar. Um dia cheguei no mirante pra fumar e tinha sete pessoas com ácido na cabeça, aí alguém falou: “não venha com redução de danos pra cá não, porque a gente quer ampliar efeitos, sai pra lá com redução de danos”... eu fui um pouco ridicularizada com esse projeto no começo. Eles achavam ridículo como é que eu, uma pessoa que usa psicoativos vem com esse discurso careta? (risos). “Como é que uma pessoa que seis meses atrás tomava um ácido inteiro com a gente numa festa, agora recomenda que a gente tome só metade?” Isso foi muito interessante porque me ajudou a pensar o projeto (de redução de danos).

Na faculdade onde a cena acima ocorreu – faculdade que vários frequentadores representam como a mais permissível quanto ao consumo de drogas na cidade de Salvador - alguns estudantes usuários de maconha já não restringem seu consumo aos “mirantes”, gradativamente se espalhando pelos espaços do campus (jardins, estacionamento e até o Diretório Acadêmico), aparentemente pouco preocupados em manter específica uma área para fumantes. O que amplia o impasse é que este é um movimento contrário as restrições cada vez mais impostas ao consumo de tabaco, restrições estas com as quais muitos dos

¹⁸ - a pesquisa de doutorado: Consumir e ser consumido, eis a questão! parte II – *outras configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo*, onde o universitário usuário é o interlocutor central.

usuários de maconha concordam. Em função dessa situação, muitos atritos estão ocorrendo. Uma funcionária administrativa da unidade chegou a ter uma altercação com um grupo de usuários que se reuniam para fumar bem próximos às salas de aula, tentando, numa reação bastante pontuada pela emotividade, tomar o baseado das mãos de um dos estudantes, o que a levou a ser vista por muitos discentes - usuários e não usuários - como uma pessoa autoritária. A mesma estudante redutora de danos confirma o fato:

- Ela chegou uma vez gritando com a galera que tava fumando e algumas pessoas em reação diziam: “eu não tou só fumando, eu tou fazendo um ato político, porque é um espaço que eu uso da minha forma”. Tentando mediar a situação, uma professora não usuária interferiu dizendo: “eles vão fumar aonde, na rua? Na rua não pode!”.

Sem sobrevalorizar o aspecto emocional deste episódio específico, faz-se necessário observar que as atitudes de pessoas e grupos são incontornavelmente marcadas pelo grau de racionalização das emoções. Em uma academia universitária que sustenta uma representação dominante ante a sociedade de ser um espaço cultural onde se trabalha “exclusivamente” com processos racionais intelectualizados, a racionalização das emoções é cobrada em proporções muito maiores. Dito isto, é passível de observação que os estudantes usuários envolvidos na polêmica acima cobram essa racionalidade dos setores docentes e administrativos da academia (mas nem tanto deles mesmos) ao defenderem a delimitação do espaço universitário como um *locus* identitário onde deve haver maior compreensão para com suas demandas por parte da comunidade acadêmica – explicitado no “eu não tou só fumando, tou fazendo um ato político”. Esta comunidade de usuários considera os controles sociais estabelecidos da comunidade acadêmica como os obstáculos a serem vencidos na construção de sua identidade, na formulação de suas representações individuais e comunitárias. Neste modelo de configuração¹⁹ os grupos *outsiders* buscam estabelecer seu espaço, independentemente de serem uma minoria – ou até por isso mesmo. Questionada sobre a possibilidade de uma bem-sucedida redução de danos sociais na faculdade, a estudante redutora de danos respondeu:

¹⁹ - modelo de configuração que já havia sido apontada na primeira parte desta pesquisa: Consumir e ser consumido eis a questão! *configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo* (Valença, 2005) - dissertação de mestrado, UFBa - onde o foco recai sobre o consumo de drogas por professores.

- Eu acho que só de sentar e discutir já é uma redução de danos, porque eu acredito que a maior redução de danos é você tentar permitir que o outro pense sobre uma prática que pode parecer simples mas é altamente complexa. A principal estratégia é *a circulação de informações*.

Ao não levar em conta a “circulação de informações”²⁰ muitas vezes contrárias aos seus interesses, ramificações deste mesmo grupo de usuários correm o risco de não estarem blindadas contra controles e sanções sociais correntes. No verão de 2007, um grupo de graduandos de Humanidades partiu de Salvador em um ônibus fretado para participar de um congresso no Rio de Janeiro. Nesta caravana havia muitos usuários (maconha, tabaco, álcool e ácido lisérgico foram as drogas mais consumidas na viagem). Alguns estudantes portavam alguma quantidade de maconha para comercializar, como sustentação econômica para a viagem. Chegando ao RJ, um desses últimos se empolgou tanto com sua “imunidade” por estar numa caravana universitária que resolveu colocar uma placa pendurada no pescoço, indicando que vendia a erva. Sua estratégia de marketing funcionou tão rapidamente que acabou atraindo a atenção de muitos compradores e também da polícia, que o deteve em flagrante. O resto do grupo voltou para Salvador e ele continuou detido no RJ, para constrangimento e consternação de muitos de seus colegas de viagem, que acharam “injusta” sua detenção. A questão que se coloca diante destes dados é: se todos os envolvidos sabiam dos riscos, por que ao invés de lamentar as consequências não procuraram evitá-las? Por que não buscaram reduzir os danos ao invés de lamentar a injustiça das sanções sociais?

Quando se coloca em pauta, políticas de redução de danos, há uma problematização central, ou seja, essa redução de danos beneficia especificamente que setores da sociedade? Nesse sentido é possível afirmar que a tentativa de orientar uma redução de danos entre estudantes com valores comuns ao grupo citado acima, de forma geral é vista pelos próprios como “carece”, como algo que beneficie muito mais os não usuários. Desse modo, essa comunidade de usuários parece se contentar em buscar prioritariamente a “ampliação de sintomas”, até que uma situação traumática como a acima narrada aconteça. Em outras palavras, a redução de danos só passa a ter sentido depois que danos acontecem.

²⁰ - informações que chegam não apenas nos bate-papos informais, mas por intermédio da mídia e dos seus próprios estudos.

Seguindo este raciocínio, alguns destes estudantes percebem a presente pesquisa com desconfiança, não querendo participar, alegando que os dados podem ser usados contra eles. A pergunta aqui é: que setores da sociedade se beneficiam com esta pesquisa?

Dois dias antes de escrever este parágrafo, num show musical encontrei dois estudantes que sabiam da pesquisa. No exato momento em que nossos olhares se cruzaram, ambos desviaram-se de mim como se eu representasse um olhar a ser evitado. Já que antes desta pesquisa se tornar pública, estes mesmos estudantes me olhavam diferentemente, é possível considerar essa como uma atitude de rejeição ao projeto. Ao contrário do que sustentei como pressuposto metodológico, com este grupo específico de universitários não foi possível estabelecer uma configuração de interlocutores em rede construída com a técnica da bola de neve,²¹ tamanhas as resistências.

Na primeira parte da pesquisa quando o objeto de estudo foi o professor universitário usuário de drogas esta técnica foi facilmente aplicada com resultados bastante satisfatórios, pois, se o objetivo era estudar o estilo de vida de uma comunidade de usuários, permitir que a própria comunidade se configurasse foi metodologicamente ideal. Na atual etapa da pesquisa esse procedimento não funcionou na medida em que alguns estudantes, ao contrário dos professores, pareceram não levar a pesquisa muito a sério, ou se levaram, o fizeram numa perspectiva pouco interativa. Várias entrevistas foram marcadas mas tais entrevistáveis não compareceram, a maioria sequer desmarcando o encontro. Um deles chegou a remarcar a entrevista cinco vezes – entrevista que acabou não sendo realizada – justificando sua ausência por estar de ressaca ou se preparando para ir a uma festa. Ao contrário da prontidão dos professores da área de humanidades²² para fazer o que estivesse ao alcance para a concretização da pesquisa, os estudantes mostraram um certo descompromisso com a questão. Esse descompromisso com uma questão que lhes é diretamente pertinente é um dado bastante significativo no que diz respeito à percepção que este grupo formula da redução de danos, pois no meu ponto de vista, eles não são apenas “objetos” de estudo, são uma comunidade que pode obter uma reflexiva circulação de informações com a pesquisa.

²¹ - técnica na qual o grupo de interlocutores pesquisados constrói-se através de sua rede de contatos. Um usuário contata outro e verifica se este tem interesse em participar da pesquisa, sem uma seleção de elenco determinada pelo pesquisador.

²² - os professores da área médica ao se recusarem a participar mostraram que levaram a pesquisa a sério, pois a recusa indicou que não estavam dispostos a permitir alterações nas suas representações públicas.

Ter configurado como interlocutores da pesquisa, pessoas que estão em processo de construção de suas auto-imagens enquanto sujeitos sociais - apenas 25% dos interlocutores trabalha, e 25% está acima dos 30 anos - não faz do meu trabalho algo fácil. Por que eu deveria acreditar que uma tribo de jovens estudantes universitários usuários de drogas não oporia resistência a uma possível ameaça de desconstrução de sua auto-imagem? Se de alguma forma minha pesquisa pode macular-lhes a representação, então serei colocado na posição de *outsider* ao grupo, sendo aquele que de alguma forma põe sua identidade em xeque. Contrariando as expectativas do pesquisador, o fato de tal pesquisa estar sendo realizada por alguém que tem um status acadêmico apenas um pouco distinto do pesquisados - já que o pesquisador em questão não é um professor, mas apenas um estudante de doutorado, estabelecendo assim a relação mais próxima possível da horizontalidade - talvez aproxime menos do que hipoteticamente suposto. Não deve ser fácil para pessoas à sombra de estigmatizações, reconhecer autoridade e confiar num “quase igual” que lhes traz os estigmas à superfície.

Se o pesquisador por também ser um estudante não representa uma autoridade aos olhos deste grupo²³, não é difícil constatar que para estes, simplesmente *ser* um estudante é uma autoridade em relação ao restante da sociedade, principalmente em relação aos que não possuem tal título. Uma das impressões iniciais que pôde ser construída no trabalho de campo foi que para alguns usuários, ter uma carteira de estudante é como ter uma insígnia distintiva²⁴ que os blindava contra o estigma e até mesmo contra as sanções sociais que circundam os usuários de drogas sem o status de estudante. Como indica *Platão*:

- antes era diferente, a faculdade traz uma perspectiva nova porque antes, eu consumia como se fosse um rebelde. Na faculdade você tem menos sentimento de culpa, o espaço é protegido, sem preocupação como eu tinha quando fumava na rua, preocupação constante com a polícia, porque quando você tem uma quantidade grande de baseado você tem que esconder em algum lugar. Na faculdade não, você tá conversando...

É preciso destacar que alguns dos interlocutores aqui referidos entraram num curso universitário após terem sido detidos pela polícia – como é o caso de *Platão* - ou mesmo

²³ - tender a reconhecer autoridade apenas nas autoridades estabelecidas – e em certa medida confundindo-a com um discurso autoritário - pode indicar imaturidade por parte de um grupo *outsider*.

²⁴ - o jovem que morreu numa *rave* em Itaboraí, portava apenas uma carteira de estudante falsificada.

terem sido internados pelos familiares em instituições psiquiátricas em função do consumo de drogas. Passar por mecanismos institucionais de controle e sanção deste porte pode causar insegurança, medo, ansiedade. Estas tensões ao serem compartilhadas com quem passou ou pode passar por situação semelhante, geralmente diminuem de intensidade. Quando pessoas com *sets* assim predispostos²⁵ compartilham um espaço de produção - no caso, uma universidade -, configura-se um *setting* comunitário que pode ser sustentável, pois as representações dos universitários passam a ser um legítimo mecanismo de defesa para contrabalancear a insegurança e o medo atrelados às representações dos usuários. Desse modo, a carteira de estudante é convertida em um capital cultural que autoriza seus portadores usuários a se defenderem contra os valores que os estigmatizam²⁶. Além disso, não se deve esquecer que, se a maioria destes ainda mora com suas famílias, que, de modo geral são contrárias ao consumo de drogas, o lócus universitário que durante os anos de ensino médio lhes foi “prometido” como o espaço da construção de uma identidade aceita e reconhecida pelo mundo adulto, tem a significância de um “segundo lar”. Neste lar, idealmente deve haver espaço para compensar os valores impostos no “primeiro lar”. Ainda de acordo com *Platão*:

- quando ela (a mãe) descobriu que eu fumava e que eu assumi, eu fazia questão de deixar baseado pra ela ver. Ela pegava e jogava fora, mas eu fazia no intuito de mostrar que naquela casa, que eu também moro lá, que eu tinha que ter minha liberdade. Agora na faculdade ela respeita muito mais, ela vê que eu tou estudando, eu tou trabalhando, que eu não sou vagabundo maconheiro.

Se este segundo lar é uma comunidade cultural onde os valores dominantes não devem ser impostos, mas construídos, se pode especular que o espaço universitário seria uma configuração viável para a construção de respeito pelo usuário - *“Agora na faculdade ela respeita muito mais, ela vê que eu tou estudando, eu tou trabalhando, que eu não sou*

²⁵ - Zinberg (1984) indica que os efeitos do uso das drogas são configurados não só em função das suas propriedades farmacológicas, mas também das atitudes e personalidade do usuário (*set*), assim como do meio físico e social onde ocorre o uso (*setting*).

²⁶ - e esse status universitário não é cancelado, mesmo quando os nomes dos reitores de duas das mais importantes universidades do país (UnB e UNIFESP) estão envolvidos em escândalos de improbidade administrativa, o que pode favorecer a representação de que a instituição universitária já não é tão respeitável.

vagabundo maconheiro”. Dessa forma é possível processar a ressignificação da imagem de um usuário que inclusive tem “*planos de ser professor*”.

Os modos de socialização das comunidades de usuários pesquisados dependem em certa medida de sua configuração no espaço universitário, e, quando solidificados, chegam a expandir os limites físicos deste segundo lar. No entorno da faculdade anteriormente citada como permissiva, há alguns “anexos” - é assim que muitos estudantes denominam os botecos - onde se pode ver uma concentração constante de universitários que se reúnem para confraternizar e tomar cerveja entre as 11 e às 16h dos dias letivos. Boa parte destes acaba resumindo sua passagem na unidade de ensino muito mais com o intuito de encontrar a galera do que necessariamente para assistir aulas. Alguns costumam fumar maconha na faculdade, antes de ir para os bares. Um número reduzido fuma na área dos bares, apesar das constantes reclamações dos comerciantes locais que desaprovam tal prática.

Tendo em perspectiva que esta configuração de uma comunidade de universitários usuários representa uma política de vida²⁷ na qual o Princípio de Prazer é tão importante quanto o Princípio de Realidade²⁸, é possível analisar contextualmente o que entre doses de cerveja disse um estudante recém ingresso no mestrado de Antropologia: “sei que não vou investir tudo no curso agora. Tenho outras coisas pra fazer”. Esta fala não provocou maiores reações entre os oito colegas presentes, entretanto, num momento posterior, uma destas que também bebe cerveja e fuma maconha, se referiu ao primeiro como imaturo por ter faltado uma aula para ir a praia - coisa que ela nunca faria, preferindo ir a praia, fumar e beber numa outra circunstância que não comprometesse seus estudos. Apesar deste porém, tal diferença de prioridades não os coloca em lados separados do muro, pelo contrário, eles mantêm uma relação cordial e solidária.

²⁷ - a política de vida (Giddens, 1995) se refere a politização de várias questões cotidianas ligadas a esfera privada, indo dos cuidados com o corpo ao consumo de bens.

²⁸ - em relação aos princípios de prazer e realidade, vale a pena revisitar Freud nas *Formulações Sobre os dois princípios do funcionamento mental*: “Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é *útil* e resguardar-se contra danos. Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas a sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do caminho, um prazer seguro [...] A *educação* pode ser descrita, sem mais, como um incentivo à conquista do princípio de prazer e à sua substituição pelo princípio de realidade; isto é, ela procura auxiliar o processo de desenvolvimento que afeta o ego”, grifos do autor, (1974:283, b). Vale observar que ao contrário da representação dominante no senso comum, Freud não contrapõe os dois princípios e sim os dispõe como momentos distintos do mesmo processo. Também é significativa a descrição da educação como uma relação direta entre os dois princípios.

O ponto que vale ressaltar em relação a estes dois interlocutores é que ambos são alunos com boa produção acadêmica e bem queridos não só entre os colegas usuários, mas também entre os colegas não usuários. No convívio destes últimos com os primeiros é onde na prática, se caracterizam conflitos maiores em decorrência do estigma atrelado as representações do usuário. Alguns estudantes não usuários de forma nenhuma se sentem a vontade quando sua imagem pública pode ser maculada pelo estilo de vida dos colegas: “se o cara quer fumar maconha, cheirar cocaína, então vá pra longe daqui, aqui é um lugar sério!”, proferiu uma estudante de Administração de uma faculdade particular.

Aliás, nas faculdades particulares há uma representação dominante de que os estudantes usuários de drogas são mais discretos. A reflexão de um estudante de Ciências da Computação e usuário, recém ingresso no curso, porém, já bastante enturmado com os colegas, é significativa:

Aristóteles - que há com certeza há, sempre em todos os ramos há alguém que usa. Já conversei sobre isso, mas meus colegas particularmente não concordam... em relação a mim não seriam preconceituosos se soubessem, mas alguns são (preconceituosos). Tem um preconceito assim besta, mas se você conversar um pouco, explicar quais foram os motivos que te levaram a usar drogas, acho que eles entendem, fingem que não tem preconceito e fica por isso mesmo, mas eu acho que tem um preconceito sim.

Na sua carreira de usuário que começou durante o ensino médio em colégio particular, *Aristóteles* percebia um consumo bem mais explícito do que entre seus atuais colegas, principalmente porque seu foco estava bastante voltado para as atividades da comunidade de usuários: “tava sempre fumando, conhecia todo mundo que fumava, era uma coisa comum, era uma coisa que intensificava a amizade e distinguia a gente dos outros alunos como grupo específico de usuários de drogas”. Já no momento atual o foco de atenção de *Aristóteles* está mais voltado para a construção de sua carreira profissional. Em relação direta com a sua atual sobrecarga de estudo, ele tem administrado seu consumo de forma mais racionalizada, e sua atitude é outra como transparece no diálogo abaixo:

- Você antes da entrevista disse que no último mês, não fumou maconha nos dias de aula, o que te levou a isso?

- Ah, o estudo! Porque eu entrei na faculdade e tou estudando o que eu gosto, eu quero ser um profissional bem sucedido, eu quero ser um dos melhores alunos da faculdade, eu quero tirar as melhores notas, quero me empenhar bastante.

- como você está se saindo?

“Muito bem, o pessoal na sala me chama de gênio!” (bem empolgado).

-Você se sente bem quando as pessoas te chamam de gênio?

- “Não me sinto muito bem não, (rindo) na verdade eles é que são muito burros.

- Na faculdade, diferentemente do segundo grau você não tá associando escola com uso de droga. Como é que tá sendo isso?

- Tá sendo agradável, eu tou gostando, porque hoje eu tenho mais maturidade pra estudar, eu estudo de outra forma, eu assisto aula de outra forma, porque eu tou estudando o que eu gosto.

Nesse momento de sua carreira de estudante universitário, buscando outra forma de distinção que não a advinda do consumo de drogas – *“tava sempre fumando... era uma coisa que intensificava a amizade e distinguia a gente dos outros alunos”* -, a representação da identidade de *Aristóteles* como gênio parece imunizá-lo contra o estigma que algum tempo atrás o incomodava quando foi usuário de crack. Talvez esta informação seja um choque para muitos, afinal, diante da representação estabelecida dos usuários de crack como excluídos sem reversão, por que seria fácil aceitar a representação de um ex-usuário de crack que agora é considerado um gênio por seus colegas estudantes de informática?

No caso de *Parmênides*, a problemática ganha contornos mais complexos. Oriundo de Brasília, onde residiu até os 20 anos de idade, *Parmênides* começou sua carreira de usuário aos 13 anos (maconha, álcool, cocaína e merla²⁹) e teve muitos problemas para conciliar o consumo de drogas com sua produção como estudante. Ele só concluiu o nível médio por intermédio de exame supletivo aos 21 anos de idade. Quando aos 25 anos ingressou num curso de Comunicação numa faculdade particular em Salvador, sua preocupação imediata foi de quem ninguém soubesse de seu passado, porque isso poderia atrapalhar sua carreira. De certa maneira, seus temores tinham fundamento, muito menos por causa de sua imagem do que por sua atitude, pois ao final do segundo semestre, quando começava a construir

²⁹ - Com valor de mercado similar ao do crack, a merla é retirada das folhas da coca e acrescida de solvente.

uma auto-estima até então ausente – não foi reprovado em nenhuma disciplina e já estava estagiando num veículo de comunicação respeitável - teve uma recaída no consumo de cocaína e de crack e acabou tendo que trancar a faculdade e abandonar o estágio. Neste momento de sua vida *Parmênides* se encontra em uma situação para a qual há poucas soluções na busca por inclusão social pois ele não acredita que possa obter respeito sem ter um diploma de terceiro grau. “A educação superior se tornou a condição mínima de esperança até mesmo de uma duvidosa chance de vida digna e segura (o que não significa que um diploma garanta uma viagem tranquila; apenas parece fazer isso porque continua sendo o privilégio de uma minoria)”, (Bauman: 2005, 23). Construir o acesso a este “privilégio de uma minoria” é o desafio maior de *Parmênides*.

Indo alguns passos além da problemática de *Parmênides*, é imprescindível constatar que fazer parte de uma minoria não garante que estigmas e preconceitos sejam cancelados. E mais; estigmas e preconceitos não são privilégios das relações entre estabelecidos e *outsiders*, podendo ser percebidos também nas relações entre os pertencentes a mesma comunidade: uma estudante de universidade pública, 23 anos, não tem maiores preocupações em relação a sua saúde por não possuir um filtro de água em casa – pelo menos no período de duas semanas em que frequentei sua residência -, e não é por limitações financeiras. Oriunda de família de classe média, ela que divide residência com um colega e está sempre hospedando outros colegas e amigos usuários, prefere gastar seu dinheiro nas baladas consumindo drogas, geralmente álcool e maconha. A falta de dinheiro para compra de cocaína não chega a ser um problema para seu consumo, pois com sua atitude extrovertida consegue ficar com companheiros que não se opõem em fazer-lhe “presenças”, e aqui se configura um impasse: se com essa atitude, por um lado ganha algum status entre suas amigas mais próximas que a percebem como alguém “com jogo de cintura” para conquistar seus objetivos, por outro lado acaba sendo estigmatizada como “fácil demais” por alguns rapazes de tribos próximas: “tem cara que acha que eu sou puta!” confessa, irritada. Esta representação a incomoda como uma mancha em sua imagem de universitária independente, universitária que sonha em fazer uma pós-graduação na Europa tendo como principal trunfo, exatamente seu jogo de cintura. Seu desconforto com essa imagem a levou a se tornar mais defensiva com os rapazes que se aproximam. Numa dada circunstância, ela manifestou uma reação agressiva com um “*Broder*” recém conhecido

pelo qual sentiu alguma atração, quando ao telefone foi perguntada se tinha algum “canal” de ácido. “Não me ligue pra isso! Você acha que eu só sirvo pra essas coisas é?”

Nesse sentido os preconceitos que acompanham a cultura das drogas tanto podem facilitar aos usuários a criação de algumas representações positivas – a da usuária com jogo de cintura que não precisa de dinheiro para conseguir drogas - quanto podem manter outras negativas – a de se tornar uma mulher “fácil demais” para sustentar o uso. Sendo o consumo de drogas ilícitas predominantemente praticado por homens³⁰, os preconceitos que perpassam as relações de gênero indicam que a segunda representação – a de que a interlocutora é uma mulher “fácil demais” - tende a se impor como dominante.

Reflexões parciais a guisa de conclusão

Dos problemas intra-comunitários aos problemas inter-comunitários, ainda é na relação entre estabelecidos e *outsiders* onde os preconceitos com suas propriedades estigmatizantes acarretam consequências mais graves para a comunidade de universitários usuários. Retomando a realidade nacional como recorte de análise, se em 2007 via reflexividade institucional³¹, houve diferentes eventos que colocaram em evidência os danos sociais causado pelas representações estabelecidas dos usuários de drogas, seria precipitado acreditar que em 2008 os sintomas do conflito de valores em jogo fossem diminuir rapidamente. No caso de usuários com status universitário não é diferente:

Filme sobre maconha acaba em confronto (FSP – 05/04/08)

A exibição de um filme sobre o uso da maconha deu início a um conflito entre *universitários, professores e policiais* anteontem na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Vários estudantes ficaram feridos e duas alunas, com escoriações no corpo, tiveram de ser levadas a um pronto-socorro. Segundo o DCE, a confusão teve início por volta das 18h30, quando um grupo com cerca de 70 alunos do Instituto de Geociências exibia o documentário "Maconha/Grass", do diretor canadense Ron Mann, em uma arena da unidade no campus Pampulha. O filme aborda questões polêmicas sobre uso da droga e argumenta, entre outros pontos, que a proibição da maconha ocorre em razão de interesses políticos e econômicos. Segundo a PM, foram espalhados cartazes pela faculdade que faziam apologia das drogas e não havia

³⁰ - no universo da pesquisa apenas 25% do total de interlocutores é do gênero feminino.

³¹ - “A noção de reflexividade institucional de Giddens (como também a de Beck) envolve a transformação dos sistemas especialistas nas esferas públicas[...] Os atores sociais apropriam-se na vida cotidiana, das verdades proposicionais deste conhecimento especializado democraticamente validado – que é global, ou seja, universal e válido em qualquer lugar” (Beck, Giddens & Lash:1995, 241). A “reflexividade institucional implica o ‘filtro contínuo das teorias de especialistas, dos conceitos e dos achados para a população leiga’.” (*idem*, 244).

autorização da direção do instituto para promover o evento. A diretora do instituto disse que a autorização não foi dada porque os organizadores não se apresentaram e não informaram horário e responsáveis pelo evento. "Não fomos oficialmente avisados. Por isso achamos por bem proibir. Não foi porque o vídeo era sobre drogas", disse. Um convênio entre a universidade e a PM permite que soldados trabalhem nas áreas comuns, desde que a reitoria autorize. A reitoria nega ter autorizado a entrada dos policiais [...] Segundo a PM, vigilantes que foram até o instituto para interromper a exibição foram ameaçados e pediram ajuda à polícia. Quando os militares chegaram, houve tumulto com os estudantes. Um aluno chegou a ser detido por suposto desacato à autoridade. A prisão gerou revolta nos universitários. Segundo a coordenadora do DCE, os PM chamados começaram a agredir os participantes. Já segundo a PM, a confusão foi iniciada porque militares foram recepcionados com pedradas.

A reflexividade institucional foi imediata ao conflito e o movimento social *Princípio Ativo* e a associação de estudos *Ananda* - duas comunidades de *outsiders* estabelecidos³² - como porta-vozes imediatos de muitos usuários (mas não apenas destes, pois nesta situação específica estas comunidades acabam defendendo o papel social da cultura universitária como geradora de conhecimento e informação³³), se manifestaram via internet:

Princípio Ativo - (07/04/08)

"Estas pessoas que impediram o debate sobre políticas de drogas na Universidade Federal de Minas Gerais, bem como todas aquelas que as apóiam, estão no fundo expressando que, no seu entender, as leis de uma sociedade não podem ser construídas pelas pessoas que vivem nesta sociedade [...] O que o reitor e a vice reitora quiseram dizer aos seus alunos e alunas, é que nesta universidade não está permitindo a existência de sujeitos do conhecimento - somente de meros objetos".

Ananda – Associação Interdisciplinar de Estudos sobre Plantas Cannabaceae, (08/04/08)

"Repudiamos a forma repressora como os fatos foram conduzidos, mas acreditamos que as atitudes tomadas pelas autoridades policiais que foram ao local não são consenso dentro de todas as corporações policiais de Minas Gerais, muito menos em todo o país e em outros setores da sociedade".

Percebe-se que nessa celeuma, a tensão se configura muito menos pelas questões levantadas pelo documentário do que pelo impedimento da cultura universitária em questionar as representações de valores estabelecidos. Aos olhos dos estudantes, este impedimento não se sustenta em pareceres cientificamente embasados, mas sim em sanções

³² - *outsiders* estabelecidos são: "indivíduos que em posição social estabelecida, conseguem administrar facetas *outsiders*, sem que por serem *outsiders* tenham seu status reduzido à condição de estigma", (Valença: 20005, 25).

³³ - *Grass: a verdadeira história da proibição da maconha*, o filme em torno do qual se configurou a polêmica foi premiado como o melhor documentário do ano 2000 pela Academia Canadense de Cinema e TV. Além de ter sido vendido pela Editora Abril em bancas de revista, pode ser baixado pela Internet gratuitamente (ironicamente o site para download é o cinevicio.com).

sociais extremas que foram empregadas arbitrariamente. As consequências a esta mácula no distintivo dos universitários mobilizou boa parte da comunidade acadêmica adquirindo dimensões numa ordem muito mais ampla do que a do consumo de drogas:

Estudantes mantêm ocupação da reitoria da Federal de Minas - FSP 09/04/08

No início da noite de ontem, os cerca de 120 estudantes que invadiram a reitoria da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) na manhã de segunda-feira continuavam acampados no saguão do local. Eles protestam contra a ação da Polícia Militar que reprimiu alunos do Instituto de Geociências durante a exibição de um documentário sobre o consumo e a produção de maconha. A eventual desocupação será discutida hoje[...] Os alunos pediram o fim do convênio entre a UFMG e a corporação[...] Os estudantes pedem o direito de realizar "atividades políticas e culturais" no campus "sem censura". A reitoria aceitou a exigência, mas não suspenderá os processos administrativos contra os alunos.

Se na prática a reitora aceitou as exigências dos estudantes - "atividades políticas e culturais" no campus "sem censura" -, a problemática das drogas terá servido como uma potente ferramenta na luta dos universitários pela configuração de um espaço identitário estabelecido. Porém, o que de imediato se percebe, é que o conflito fez crescer o interesse de usuários e não usuários em assistir o documentário proibido. E mesmo que este documentário impulsionado pelo impasse não seja transformado em um campeão de audiência como *Tropa de elite* a pergunta que não se cala é: o que fez com que *Grass: A verdadeira história da proibição da maconha* e *Tropa de elite*, obras com narrativas e conteúdos distintos fossem configurados no centro de tanta polêmica? para provocar reflexividade, uma resposta parcial é que o primeiro filme indica como os caminhos que levam ao tráfico foram construídos como mecanismo de controle social por parte das autoridades estabelecidas, enquanto o segundo filme mostra que as representações deste tráfico estão sendo ressignificadas em função do fracasso das sanções sociais decorrentes da guerra às drogas. Se esta interpretação parece simplista, não deixa de ser emblemático que, no ponto de vista do criador de *Tropa de Elite*, José Padilha, a descriminalização da maconha poderia ser uma alternativa para os malefícios desse tráfico (A Tarde, 03/10/07). Este ponto de vista parece contraditório em relação à atitude do Bope retratada em seu filme? Se levarmos em conta uma declaração do próprio cineasta no Globo.com (26/12/07): “No Brasil, o comprador de drogas está dando dinheiro para um grupo armado que controla uma comunidade carente”, talvez seja possível interpretar que Padilha ao ponderar sobre descriminalização esteja indicando uma alternativa de redução de danos para o tráfico e sua

violência, de modo que, os Capitães Nascimento da vida encontrem a aposentadoria precoce.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. R.J.: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. *Modernização Reflexiva*. S.P. Editora UNESP, 1995.
- BECKER, H. *Outsiders*. New York: The Free Press, 1997.
- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. S. P.: Editora Perspectiva, 1992.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. RJ: Jorge Zahar, 2000.
- FREUD, S. *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XII, 1974.
- GIDDENS, A. *Para Além da Esquerda e da Direita*. São Paulo, Editora Unesp, 1995.
- GOFFMAN, E. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. R.J.: LTC Editora, 1988.
- KARAM, M. L. Redução de danos, ética e lei: os danos da política proibicionista e as alternativas compromissadas com a dignidade do indivíduo, In: *Drogas, dignidade e violência social – A lei e a prática da redução de danos*. Sampaio, C. & Campos, M.A. (orgs). Rio de Janeiro: Aborda, 2003.
- SCHAFFER, C. *Fatos básicos sobre a guerra às drogas*. www.druglibrary.org/schaffer, 1997.
- VALENÇA, T. *Consumir e ser consumido, eis a questão!* Configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo. Dissertação de mestrado. PPGCS, UFBa, 2005.
- ZALUAR, A. *Integração Perversa*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.
- ZINBERG, N. *Drug, Set and Setting*. New Haven: Yale University Press, 1984.